



CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA – UNICEUB
FACULDADE DE TECNOLOGIA E CIÊNCIAS SOCIAIS
APLICADAS– FATECS
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
HABILITAÇÃO EM JORNALISMO
DISCIPLINA: MONOGRAFIA
PROFESSORA ORIENTADORA: LARA AMORIM

**A HISTÓRIA DO BRASIL NA TELEVISÃO
ANÁLISE DA SÉRIE *É MUITA HISTORIA* DA REDE GLOBO**

ANA CECÍLIA PARANAGUÁ FRAGA
2046213/2

Brasília, maio de 2008

ANA CECÍLIA PARANAGUÁ FRAGA

**A HISTÓRIA DO BRASIL NA TELEVISÃO
ANÁLISE DA SÉRIE *É MUITA HISTORIA* DA REDE GLOBO**

Trabalho apresentado à Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas, como requisito parcial para a obtenção ao grau de Bacharel em jornalismo no Centro Universitário de Brasília – UniCEUB.

Prof. Dr^a. em Antropologia Lara Amorim

**BRASÍLIA – DF
2008**

ANA CECÍLIA PARANAGUÁ FRAGA

**A HISTÓRIA DO BRASIL NA TELEVISÃO
ANÁLISE DA SÉRIE *É MUITA HISTORIA* DA REDE GLOBO**

Banca Examinadora

Prof^a. Lara Amorim
Orientadora

Prof^a. Magda Lúcio
Examinadora

Prof. Severino Francisco
Examinador

Brasília, Maio de 2008

A toda minha família, em especial, ao meu pai e à minha mãe.

Agradecimentos

Agradeço à professora Lara Amorim, pelo incentivo e orientação durante a construção desta monografia; E aos meus amigos e colegas de curso, com os quais aprendi coisas para o resto da vida, que vão além da pura e simples formação em Jornalismo.

“Se não houver notícias, vou lá fora e mordo um cachorro”.

Kirk Douglas, em *A montanha dos setes abutres*

RESUMO

Esta monografia tem como objetivo analisar de que forma a História do Brasil foi representada no quadro *É muita história*, veiculado no segundo semestre de 2007, no programa dominical *Fantástico*, da emissora Rede Globo. Foram escolhidos três, dos nove quadros apresentados, para a análise. O trabalho tem como foco compreender por quais motivos a representação da história, na Rede Globo (enquanto canal aberto às massas), é realizada por meio do entretenimento, sem nenhum tipo de incentivo ao pensamento crítico e as consequências deste tipo de abordagem. Observando-se a diferença entre os programas de conteúdo histórico oferecido, pela mesma emissora, nos canais pagos da TV à cabo e no canal aberto às massas. Após uma breve exposição do contexto social e educacional da sociedade brasileira, bem como das suas raízes culturais, buscou-se nas teorias da comunicação de massa como *Newsmaking* e *Agenda Setting* e na teoria das *Representações Sociais*, da Psicologia Social, a melhor forma de descrever e analisar o quadro, observando-se que o quadro *É muita história* fazia o uso de recursos, como paródia e estereotipação, para representar a História do Brasil, chegando à conclusão de que o programa apresentado pelo quadro tinha como principal alvo a audiência e não a qualidade da informação. Ao final, são sugeridos programas e canais alternativos com programas de conteúdo histórico em outros formatos, como documentários, por exemplo. É realizada também uma discussão sobre a TV pública e a omissão do poder público frente à programação veiculada nas grandes emissoras como Rede Globo, SBT e Record, guiadas pelas leis do mercado.

Palavras-chave: História do Brasil. Televisão. Estereótipo. Representação Social.

SUMÁRIO

<u>1 INTRODUÇÃO.....</u>	<u>8</u>
<u>2 MÉTODO DE PESQUISA.....</u>	<u>10</u>
<u>3 A HISTÓRIA DO BRASIL NA TV.....</u>	<u>11</u>
<u>4 CULTURA BRASILEIRA</u>	<u>17</u>
<u>5DESCRIÇÃO DO QUADRO E TEORIA APLICADA.....</u>	<u>22</u>
<u>6DISCUSSÃO E PROPOSTAS ALTERNATIVAS.....</u>	<u>39</u>

1 INTRODUÇÃO

Esta monografia tem como tema a representação da História do Brasil veiculada no quadro *É muita história* do programa *Fantástico*, produzida e exibida pela emissora Rede Globo. Sempre me interessei por ouvir, contar histórias e observar as influências de tais eventos históricos nos dias atuais. Não foi por acaso que escolhi o jornalismo. Entendo que o conhecimento sobre a História pode também ser uma forma de compreender nossa cultura, nosso mundo e nós mesmos.

Dizem que é conhecendo a história que se pode aprender com os erros do passado, evitando repeti-los no futuro, ajudar na escolha de melhores caminhos políticos, sociais e econômicos de um país. A maioria das pessoas leva a vida sem perceber que fazem parte de uma história, e que essa história define os rumos de suas vidas. Saber disso talvez pudesse fazer alguma diferença para a sociedade.

O estudo do tema é relevante, pois procura compreender qual a razão de um programa de televisão representar a nossa história utilizando discursos mais próximos de caricaturas e paródias, evitando qualquer tipo de reflexão e consciência crítica. Nesse sentido, a pesquisa tem como objetivo refletir sobre as conseqüências deste tipo de representação da História do Brasil ser definida pelos meios de comunicação na sociedade brasileira. A pergunta que se faz é se a comédia e o entretenimento são as únicas formas de despertar o interesse da população por informação histórica.

Este estudo tem como objetivo geral refletir formas desse tipo de abordagem da História do Brasil na televisão para entender as representações sociais que o povo brasileiro tem a respeito de si mesmo. Para tanto, é preciso reconhecer a importância do conhecimento histórico para a sociedade, descrever o programa a ser analisado, identificar os possíveis problemas no tipo de representação feita e os interesses comerciais envolvidos neste tipo de abordagem.

O problema proposto por esta monografia é em que medida a visão apresentada pelo *É muita história* desconsidera o contexto social e político do Brasil.

No capítulo três observa-se um histórico de como a História do Brasil, vem sendo representada na televisão e no cinema, através de produtos que renderam grande audiência. Além disso, é mostrado um breve contexto social e educacional da sociedade para entender porque a televisão é o meio de comunicação que possui um maior poder de alcançar as massas brasileiras.

No capítulo quatro é feita uma pequena análise da cultura brasileira por meio dos livros *Raízes do Brasil* do historiador Sérgio Buarque de Holanda e *Carnavais, Malandros e Heróis* do antropólogo Roberto Da Matta, para compreender as raízes brasileiras e o motivo da perda de certa memória histórica e tradição.

O capítulo cinco contém a descrição e análise dos quadros do programa *É muita história*, com o objetivo de entender qual o formato de linguagem utilizado e o principal objetivo do programa.

No capítulo seis observa-se outros tipos de canais e programas com formato diferente do quadro *É muita História* e uma discussão sobre o desempenho do poder público quanto à forma e o conteúdo das informações veiculadas nas emissoras brasileiras e sobre a TV pública, os programas nela apresentados e sua divulgação.

2 MÉTODO DE PESQUISA

A metodologia desta pesquisa foi trabalhada a partir de um estudo com base na série de nove quadros *É muita história*, exibido no segundo semestre de 2007, pela emissora Rede Globo.

Foram escolhidos, para a análise, três dos nove quadros apresentados: “Dia de Fúria” (referente à Independência do Brasil), “Uma fuga desabalada de um rei” (referente à vinda da Coroa Portuguesa ao Brasil em 1808) e “A pátria de pijamas” (referente à proclamação da República). O primeiro passo para a análise foi assistir aos quadros na televisão e revê-los na internet (já que a série está disponível no site da Rede Globo) quantas vezes fossem necessárias para se fazer uma boa avaliação a respeito do formato do quadro.

O segundo passo foi reunir as informações transmitidas pela série e, a partir da revisão bibliográfica analisar os três quadros escolhidos, e procurar entender porque a história, enquanto objeto principal de um programa televisivo é vista geralmente como produto de entretenimento, representada por meio de paródias, sem qualquer tipo de estímulo ao pensamento crítico.

Por meio de pesquisas exploratórias em textos especializados e sites da Internet foram colhidas informações para fazer a descrição do quadro e descobrir porque a História do Brasil é sempre representada desta forma e quais as consequências deste tipo de abordagem para a sociedade.

O terceiro passo foi discutir os resultados, buscar programas alternativos de conteúdo histórico e expor a omissão do poder público sobre o que é veiculado nos meios de comunicação para enfim chegar à conclusão deste trabalho.

3 A HISTÓRIA DO BRASIL NA TV

Neste ano de 2008 comemora-se 200 anos da chegada da família Real ao Brasil. Aproveitando o momento, a mídia tem procurado divulgar novos documentos, novas teorias e os mais recentes pontos de vista sobre os verdadeiros significados deste fato histórico, sua importância e conseqüências nos dias de hoje.

As mídias especializadas, como revistas e canais pagos de documentários, têm feito uma série de reportagens ricas e bem embasadas, buscando informações diretas de historiadores, livros, cartas e jornais da época, bem como novas provas que mostram uma representação da história, abrangendo um contexto social, político e econômico que ultrapassa os simples estereótipos criados ao longo destes 200 anos. Tais mídias, no entanto, são caras e inacessíveis para a maioria da população. A mais barata revista especializada de história, por exemplo, custa R\$ 8,90. Um valor que não é atrativo para a população de baixa renda, que, por exemplo, não pode gastar com revistas e livros, mas apenas com bens de primeira necessidade.

Os canais abertos também fizeram reportagens apresentando novas visões da história brasileira e de seus personagens pitorescos. O quadro do Fantástico (a “revista eletrônica” dos domingos do povo brasileiro), da Rede Globo, *É muita história*, lançado em setembro de 2007, selecionou momentos importantes da história do Brasil e apresentou novas teorias para estes fatos. Em um tom descontraído, a proposta do programa era aproximar a história do Brasil da população brasileira, deixando-a a par das novas análises históricas.

A intenção é ótima, afinal todos deveriam ter direitos iguais no acesso a informações. Mas o formato do programa, o tom irônico, o pouco tempo disponível para relatar longos períodos da nossa história, manteve a maioria dos estereótipos apresentados, deixando de fora os contextos políticos e culturais da época. O que parecia uma nova proposta, na verdade, esconde a velha fórmula de programas e filmes anteriores, como a minissérie *O quinto dos Infernos* (2002) e o filme *Carlota Joaquina – Princesa do Brasil* (1995), que apresentam a história do Brasil de forma acrílica, caricata e debochada, inserida no gênero comédia.

Nossa história contém fatos atípicos sim, mas, porque ressaltá-los em detrimento dos fatos importantes que fizeram do Brasil Colônia um país Independente e, posteriormente, Republicano? Qual a importância de informar que D. João VI era glutão, quando, a história da fuga da Família Real de Portugal retrata um rei esperto que deixou Napoleão literalmente “a ver navios”, um episódio que marca o início do processo de independência do Brasil por meio da abertura dos portos?

Desde 1995, com o lançamento do filme dirigido por Carla Camuratti, *Carlota Joaquina – Princesa do Brasil* percebe-se a multiplicação de eventos culturais que reduzem a História do Brasil a um conjunto de estereótipos, privando a população do conhecimento dos verdadeiros fatos históricos, da importância ou não do ocorrido, e das conseqüências que tais acontecimentos têm nos dias de hoje. Em 2002, foi a vez da minissérie global, *O quinto dos Infernos*, escrita por Carlos Lombardi no formato de uma pornochanchada, retratar a chegada da Família Real ao Brasil, em 1808.

A minissérie não trouxe nada de novo. D. Pedro era um tarado, D. João VI, um comedor de coxinha de galinha, preguiçoso e irresponsável e Carlota Joaquina, uma histérica de grande apetite sexual. Aparentemente empenhados em unir algum tipo de educação e diversão, os produtores transformaram as gerações que nos outorgaram um sentido de nação em algo caricato e ridículo.

Um programa sobre a história pode ser sério, alegre e crítico, sem ser, necessariamente, debochado. No entanto, o quadro do Fantástico *É muita História* transformou a história em mais um programa de diversão para um público cada vez menos crítico. As aulas, ministradas por Gianfrancesco Guarnieri no Telecurso 2000 continham muito mais conteúdo e seriedade. Mas como era exibido às 6h da manhã, a maioria das pessoas que assistiam ao programa, o faziam pela necessidade de estudarem por meio das vídeo-aulas, antes de saírem para a batalha diária da vida.

O *É muita história* e o *Telecurso 2000* são programas cujo único fator comum é a história. O primeiro tem como principal foco o entretenimento e a audiência, sendo, por este motivo, apresentado em horário nobre. O segundo é um

programa de cunho social, cujo objetivo principal para a emissora seria o de cumprir a lei que destina uma determinada quantidade de horas a programas sociais. Talvez por isso os programas sociais sejam exibidos, geralmente, em horários alternativos, nunca em horário nobre. Isto nos leva também a uma segunda reflexão, a de que há um preconceito por parte das grandes emissoras brasileiras como a Rede Globo, SBT e Record, de que programas educativos são desinteressantes e não atraem o público. Basta observar que estes programas são apresentados de manhã cedo, ou, muito tarde, próximo ou depois da meia-noite, como acontece com filmes, documentários, e rodas de análise e discussão que instigam pensamento crítico sobre temas polêmicos como escândalos do governo, problemas na Saúde, na Educação, etc.

Nos canais pagos da Rede Globo, como o canal Globo News, o tratamento da História do Brasil é completamente diferente. Foi apresentado um programa de 17 episódios, chamado *1808 – A corte no Brasil*, com 1 hora de exibição, que era exibido aos sábados, às 21h05, apresentado por Sandra Moreyra e Monica Sanches. O primeiro episódio foi ao ar no dia 1 de novembro de 2007 e o último em março de 2008.

De acordo com o site da Rede Globo¹, cuja reportagem era do dia 1 de novembro, o objetivo do programa era expor o cenário em que se deu a transferência da corte para os trópicos, a França de Napoleão Bonaparte, o império britânico, e Portugal dividido entre as duas potências da época. Mostrar guerras ocorridas, acordos secretos, intrigas políticas, enfim, mudanças que ajudaram a formar a nação brasileira e a identidade nacional, bem como a herança deste período nas artes, na ciência e na economia. Para contar a História da nação brasileira, a Globo News passou por países como França, Inglaterra e Portugal, não se limitando apenas ao Rio de Janeiro, como no caso do *É muita história*. Fica-se com a impressão de que para as massas veicula-se uma informação incompleta, por meio de programas de baixa qualidade, com o menor orçamento possível, enquanto aqueles que podem pagar pela TV a cabo têm acesso a conteúdo cujo orçamento não importa, mas sim a qualidade da programação.

¹ Disponível em <www.globo.com>. Acesso em 2 mai. 2008.

Mauro Wolf (2003, p. 76) explica que “A estratificação dos produtos culturais segundo a sua qualidade estética ou o seu empenho é perfeitamente funcional para a lógica de todo o sistema produtivo”. Ou seja, essa hierarquização serve para oferecer uma maior quantidade de produtos, de acordo com o grupo de pessoas da sociedade que se deseja atingir. Em meio a essas diferenças é possível observar uma identidade cultural indefinida, que mascara a submissão dos indivíduos à indústria cultural.

As opções de mídias especializadas, documentários bem fundamentados, documentos, discussões e mesas redondas não estão à disposição de todos os cidadãos brasileiros. Geralmente o acesso a esses meios é caro e exige uma bagagem cultural e educacional que exclui determinadas camadas sociais da sociedade brasileira. Apesar disso, A TV SENADO, a TV Câmara e a TV Brasil são opções de canais que possuem uma excelente programação com documentários e mesas redondas, veiculados em horário nobre. No entanto, são obrigados a competir com novelas, programas de auditórios e de fofocas sobre celebridades, que passam na Rede Globo, no SBT e na Record.

Enquanto o quadro *É muita história*, com 10 capítulos (cada um contando um fato histórico, sem ligações entre um fato e outro) era apresentado às massas, o Globo News (também canal da Rede Globo, mas, acessível apenas aos que pagam por uma TV a cabo) apresentava o programa *1808 – A corte no Brasil*, dividido em 17 capítulos, retratando questões vinculadas a um único tema que era a chegada da família real portuguesa no Brasil. O *É Muita história* tinha uma duração média de 13 minutos, já o *1808 - A corte no Brasil* durava uma hora, com uma mensagem bem contextualizada do ponto de vista social, político e econômico.

O que se observa é que para as massas são transmitidos quadros históricos, cujo principal objetivo, parece ser o entretenimento (já que reforça estereótipos caricatos e parodiados, em detrimento da representação dos fatos, da relevância e da influencia destes nos dias atuais). Para a elite exibe-se um programa mais completo, narrando todo o contexto político e econômico internacional da época, que influenciou a fuga da Família Real Portuguesa e como ficou Portugal depois da fuga, explorando pontos de vista variados sobre este fato histórico,

utilizando em seu conteúdo o conhecimento especializado de historiadores, documentos oficiais, etc.

De acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, em 2006, o Brasil possuía um total de 16 milhões de pessoas analfabetas e 33 milhões de analfabetos funcionais - que soletram as palavras, mas não conseguem interpretar o que lêem - o que representava à época, 18% da população com mais de 15 anos.

Nesse contexto educacional encontramos altos preços de livros, revistas e jornais especializados. Além do preço, esses meios parecem desinteressantes se comparados à televisão, que é sempre cheia de imagens, sons e efeitos especiais. Ao se assistir programas na TV, não é preciso ler, pensar ou refletir. Basta apertar o botão, sentar no sofá e absorver a mensagem transmitida.

Segundo o IBGE, em 2006, 93,5% dos domicílios brasileiros tinham televisão. Enquanto no Nordeste, 86,8% dos domicílios tinham televisão naquele ano, no Sudeste o percentual de domicílios com televisão era de 96,8%. De 2005 para 2006 foram observadas mudanças nos percentuais de domicílios brasileiros, que possuem os seguintes bens duráveis: fogão (de 97,5% para 97,7%); geladeira (de 88,0% para 89,2%); máquina de lavar roupa (de 35,8% para 37,5%) e freezer (de 16,7% para 16,4%). O percentual de domicílios atendidos pela rede de abastecimento de água era 83,2% em 2006. Ou seja, havia mais lares brasileiros com televisão do que com abastecimento de água potável e/ou geladeira. Com base nesses números pode-se concluir que a televisão tem sido um dos meios de comunicação mais importantes para se alcançar e informar a população brasileira.

A informação da grande maioria dos cidadãos brasileiros é derivada de um único meio estabelecendo uma situação muito perigosa. Um exemplo famoso da história que representa bem os perigos do monopólio da informação e do mau uso dos meios de comunicação para a disseminação de idéias preconceituosas foi a evolução do nazismo na Alemanha. Hitler, o líder nazista, manipulando os meios de comunicação de massa, levou muitos cidadãos alemães a acreditarem que faziam

parte de uma “raça” superior à dos judeus. A consequência disso foi a perseguição e a morte de milhões de judeus.

Segundo Mauro Wolf (2003), a ubiquidade, a repetitividade e a padronização da indústria cultural fazem da cultura moderna de massa um meio de controle psicológico extraordinário.

Logo, pode-se concluir que é possível uma elite procurar manter-se no poder subjugando as outras camadas da população, fazendo uso de um meio de comunicação como a televisão, para promover programas que não incentivam o pensamento crítico, nem promovem o conhecimento do povo brasileiro sobre sua cultura e tradição histórica, reduzindo essa memória histórica à estereótipos e fatos pitorescos.

4 CULTURA BRASILEIRA

Para entendermos a cultura brasileira precisamos entender sua história. De onde vêm certos estereótipos e quais as origens de certas heranças. A cultura brasileira foi formada, durante seu processo histórico, por um sincretismo cultural entre diferentes povos e etnias, principalmente índios, negros e povos ibéricos. Essa mestiçagem contribuiu para a construção de uma nova cultura e identidade.

O historiador Sergio Buarque de Holanda (2006) e o antropólogo Roberto da Matta (1997) escreveram sobre aquilo que passa despercebido pelas representações feitas sobre a história nos programas de TV de entretenimento. Aquilo que está nas entrelinhas de nossas raízes. Segundo eles, para entender a cultura de uma determinada sociedade é preciso conhecer, além de seu passado, os valores, as crenças, as ideologias e as relações entre os mais diversos grupos sociais. Eles partilham da idéia de que são estes elementos que melhor definem a cultura de uma sociedade.

4.1 Raízes do Brasil

Logo no primeiro capítulo de seu livro, *Raízes do Brasil*, Buarque de Holanda explica que os chamados países ibéricos - Portugal, por exemplo - eram considerados menos europeus que o resto dos outros países da Europa por se encontrarem na fronteira, via marítima, entre a Europa e o resto do mundo.

Os povos ibéricos acreditavam que cada um deveria cuidar de si. Tal característica advém do fato de que não havia uma hierarquia feudal tão forte nos países ibéricos, como em outros países europeus. Esta individualidade e a falta de uma hierarquia feudal forte contribuíram também para que a mentalidade burguesa e mercantilista se desenvolvesse primeiro lá.

Não foi por acaso que Portugal foi pioneiro nas grandes navegações. Aliado a isto, havia certa frouxidão organizacional, presente em toda a história de Portugal, e conseqüentemente, na história do Brasil. O ibérico é um ser contraditório,

ao mesmo tempo em que são considerados preguiçosos, adoram uma aventura. Gostam da ordem, mas também da desordem.

No segundo capítulo do livro, Buarque de Holanda relata que os ibéricos que chegaram ao Brasil queriam ser senhores, mas, sem grande esforço físico. Queriam riqueza, sem muito trabalho. E como os índios não se adaptaram à escravidão, a economia escravista tornou-se imprescindível para a colônia portuguesa. Nessa época, não havia a produção de manufaturados, mas apenas daquilo que fosse mais lucrativo para a Coroa. A violência contida na senzala negava qualquer tipo de virtude social. Dentro deste contexto, percebe-se o porquê da abolição da escravatura ter se tornado um marco na história do Brasil.

A sociedade do engenho pode ser modelada como uma representação micro da sociedade. As únicas leis que ali valiam eram aquelas ditadas pelos senhores de engenho. Eles possuíam domínio irrestrito sobre aqueles que viviam em seu território. Com a revolução industrial, o sentimento de nobreza e aversão ao trabalho físico sai da Casa Grande, do senhor de engenho, e toma as cidades.

Essa abordagem de Sergio Buarque de Holanda nos leva à compreensão da dificuldade, já na época da Independência, em transpor os limites políticos estabelecidos na era colonial. Somente com a descoberta de ouro em Minas Gerais, é que Portugal interiorizou o desenvolvimento do país e colocou um pouco mais de ordem na sociedade que se formava. Tudo isso foi resultado do desleixo ibérico burguês herdado.

Diferentemente dos espanhóis, os portugueses mantinham uma maior flexibilidade social. Todos almejavam o senhorio. Buscavam ser nobres. Eis que nasce uma nova nobreza, no entanto, muito mais preocupada com as aparências do que com as tradições. As memórias históricas fincam-se sobre o “ter” e o “mostrar que tem”.

Para Buarque de Holanda o “homem cordial” (2006, p. 151), tão característico da nossa cultura, não vem de cordialidade no sentido de civilidade e educação, mas de coração. O Brasil é uma sociedade na qual o Estado é apropriado

pela família, os homens públicos são formados no meio doméstico, levando laços familiares e sentimentais para o ambiente do Estado. Percebe-se nesse homem, uma dificuldade para distinguir o público do privado.

No capítulo 7, o último do livro, o autor deixa claro que, para ele, a democracia no Brasil, foi sempre um mal-entendido. Os movimentos sociais sempre foram feitos de cima para baixo, e, a intelectualidade brasileira ainda mantém resquícios desta mentalidade conservadora. Para Buarque de Holanda a única solução para melhorarmos a sociedade brasileira é fazermos uma revolução que dê fim aos resquícios coloniais.

4.2 Carnavais, Malandros e Heróis

Em seu livro, *Carnavais, malandros e heróis*, Roberto da Matta explica a cultura brasileira através de três festividades típicas. O carnaval, a parada cívica e a procissão religiosa. Nestes ritos é possível observar o dilema entre os aspectos autoritários e hierarquizados da sociedade brasileira e a busca por uma sociedade mais harmônica, democrática e não conflitiva. Para ele o rito e o mito são como “espelhos dos problemas e dilemas da formação social brasileira que os engendra” (1997, p.42).

Para Roberto da Matta, o lado autoritário e hierarquizado da sociedade brasileira se divide em três partes: a primeira é a existência de uma ordem bem definida, baseada no status e prestígio social, onde cada um sabe seu lugar, e o aceita sem conflitos.

A segunda pode ser resumida em uma frase: “para os amigos tudo; para os inimigos, a lei”. Da Matta se refere às diferentes formas de aplicação da lei. Ele explica a contradição entre o Brasil onde as pessoas socialmente reconhecidas possuem seus direitos e privilégios bem definidos, e o Brasil daqueles onde as leis impessoais funcionam como instrumentos de controle e opressão.

A terceira engloba o âmbito do sagrado, no qual se tenta exercer uma suposta igualdade (já que todos são filhos de Deus), mas ao mesmo tempo se mantém as estruturas hierárquicas de santidade.

Da Matta também faz outro tipo de análise da sociedade brasileira, dividida entre o mundo da casa e o mundo da rua. Na casa, as pessoas vivem em paz e valem pelo que são, enquanto na rua, as pessoas lutam anonimamente na dura batalha pela sobrevivência. E, nesta luta, a principal arma é o que o autor chama de “você sabe com quem está falando?” que consolida os privilégios da classe dominante de acordo com o seu status, submetendo os que não se encaixam neste grupo à burocracia e às desumanas leis do mercado.

Aliado ao “você sabe com quem está falando?”, as procissões e as paradas ritualizam e explicam as características autoritárias e hierárquicas da sociedade brasileira. Já o carnaval e os heróis dramatizam exatamente o contrário.

Segundo Da Matta, o carnaval e a parada cívica “representam ritos fundados na possibilidade de dramatizar valores globais, críticos e abrangentes da nossa sociedade”. Tais ritos implicam num certo abandono e esquecimento do trabalho, por serem feriados nacionais. (1997, p. 46).

Segundo ele, no período do carnaval há uma “suspensão temporária das regras de hierarquização repressoras” (1997, p. 48). É uma festividade que descentraliza a sociedade. Tanto é que a palavra “carnaval” pode ser utilizada para representar situações de desordem, de desentendimento.

O carnaval leva aspectos do mundo da casa para o mundo da rua. Relações afetivas e espontâneas são vivenciadas no carnaval, independente do status social, da cor, da idade. É o rito brasileiro que representa a contradição de se conviver igualitariamente durante as festividades em uma sociedade tão autoritária e estratificada. É como se durante os desfiles, ouvindo o samba, todos fossem iguais.

Tendo em vista a importância da história para se compreender a cultura de um povo e a partir disto perceber os problemas sociais que habitam sua cultura (no caso do Brasil, a desigualdade social mantida pelo autoritarismo, pela hierarquização e supervalorização do status), a produção e a difusão acrítica de figuras históricas estereotipadas e de fatos históricos parodiados, por meio de programas cujo principal objetivo é a audiência e o entretenimento, e não a difusão

do conhecimento, desviam a atenção dos problemas intrínsecos nas raízes do povo (no caso do Brasil, remanescentes da era colonial) para questões de menor importância (como a discussão a respeito do apetite de d. João VI).

Ao invés de incentivar uma reflexão sobre a importância e consequência dos fatos históricos e da possível contribuição de seus personagens na construção da sociedade brasileira, esta forma debochada de contar a história do Brasil pode contribuir para a construção de um senso comum entre os cidadãos sobre uma História do Brasil, diluída, limitada aos eventos atípicos e caricaturais.

5 DESCRIÇÃO DO QUADRO E TEORIA APLICADA

5.1 Descrição do Quadro *É muita história*

O quadro *É muito história* foi uma série de TV de nove capítulos, transmitida em 2007, no programa do Fantástico, pela emissora Rede Globo. Foram escolhidos alguns dos momentos mais importantes da História brasileira para serem representados. Dentre os nove assuntos, escolhi os três que julguei serem os mais conhecidos para fazer uma análise do formato do programa e do conteúdo histórico apresentado.

O jornalista Pedro Bial é o narrador, enquanto o escritor Eduardo Bueno representa os papéis de cada personagem. Parte do quadro foi feito no estúdio com cenários e figurinos variados, e a outra parte foi realizada nas ruas do Rio de Janeiro, onde os apresentadores buscavam a interação com o público.

5.1.1 Episódio “Dia de Fúria”

O primeiro capítulo da série foi ao ar em 9 de setembro de 2007. Intitulado “Dia de fúria”, se refere à nova tese do escritor (e não historiador, como é apresentado no primeiro episódio do programa) Eduardo Bueno, sobre a declaração da independência em 1922. Segundo ele, a independência teria sido proclamada devido a um dia de fúria de D. Pedro I que inclui estresse, viagens longas, desilusão amorosa, ataques da imprensa, e pra finalizar, uma diarreia.

Pedro Bial chega a sinalizar certo tipo de contexto sócio-político da época:

Desde o Dia do Fico, em janeiro de 1822, a independência do Brasil era só uma questão de tempo. Ao decidir ficar no Brasil, desobedecendo ao pai Dom João VI e afrontando as cortes de Lisboa, Dom Pedro deu um passo sem volta. Por que, então, Pedro esperou até setembro para dar seu grito?

No entanto, a seqüência das cenas seguintes gira em torno dos problemas particulares de D. Pedro, que segundo o programa, teriam culminado no grito de independência, às margens do Ipiranga.

Ao longo do capítulo Bueno apresenta “provas” a Bial, que dão sustentação a sua tese de que a Independência do Brasil aconteceu em sete de setembro de 1822 devido a um dia de fúria do príncipe. A primeira prova é a viagem exaustiva por 607 km de lama.

Como que numa brincadeira, Bial diz que não está convencido e pergunta “É verdade que, ao chegar a São Paulo, nosso príncipe não foi recebido por revoltosos, como temia, mas por coisa ainda mais ardente, pelas labaredas da paixão?”. Referindo-se a Domitila de Castro Canto e Melo (interpretada pela atriz Ana Moraes), de 16 anos, prometida em casamento a outro homem, a qual veio a se tornar amante do príncipe, Bueno afirma “Eles viveram o caso de adultério mais oficial da história do Brasil”.

Deixando a atuação de lado, Eduardo Bueno, pergunta para a atriz Ana Moraes: “Você acha que a paixão pode ter virado a cabeça de Dom Pedro e o levado a proclamar a independência? Houve um estresse de paixão?” E a atriz respondeu: “Eu acredito que houve, sim, uma paixão, um movimento muito maior do que o político para que ele fizesse o que fez. Houve uma magia de alma, de amor, muito pura”.

A questão que esta monografia problematiza é se o quadro é sobre momentos importantes da história do Brasil, ou apenas uma biografia sobre as intimidades pitorescas das personagens em questão para manter a audiência.

Segundo Bueno, há outras provas. Uma delas seria o fato de que nesta viagem, dias antes do 7 de setembro, além da paixão, D. Pedro I teria conhecido também a rejeição de uma mucama. Ao dar-lhe um beijo no rosto teria levado uma bofetada. Os ataques da imprensa ao príncipe seriam outro fator que teria contribuído para o dia estressante de D. Pedro, e por fim, a diarreia causada por uma comida de beira de estrada, teria levado a comitiva a parar às margens do riacho Ipiranga, onde teria dito a célebre frase “Independência ou morte!”.

No final do episódio, Bial pergunta a Bueno se pode afirmar que toda história é fabricada. Bueno responde que sim e que isso não é de todo ruim. Que o

problema é ficar apenas com uma versão, “a versão cristalizada oficial da história”. Comentário que parece descartar a importância de todo o trabalho e pesquisa dos historiadores.

Para firmar a tese de Bueno como certa, Bial reforça: “Os melhores historiadores do mundo dizem: a história está sempre se fazendo e refazendo”. Eduardo Bueno pergunta “Então vamos fazer história?” e Bial responde que sim e que “é preciso entender que a história é feita de gente de carne e osso” e Bueno finaliza “E de intestinos”.

Todos os capítulos terminam com uma música referente ao assunto do dia. Mas o último refrão de todos os capítulos é sempre o mesmo: “E assim a história sempre se transforma, numa manhã, um dia sempre novo, concretizando os desejos e a vontade do imenso coração do seu povo”. Visto que as transformações, no geral, foram feitas de cima para baixo, da elite para o povo, tal afirmação parece, no mínimo, contraditória.

5.1.2 Episódio “Uma fuga desabalada de um Rei”

O segundo capítulo da série, escolhido para esta análise, foi intitulado “Uma fuga desabalada de um Rei” foi exibido no dia 28 de outubro de 2007. O programa conta a chegada da família real no Rio de Janeiro em 1808, limitando-se a superficialidades como as aparências dos personagens da história e da cerimônia de beija-mão, advertindo que D.João VI tinha micoses. O quadro insinua a desmistificação dos estereótipos dos personagens da nossa história, mas o que parece no final, é que os mantém.

O episódio começa com Eduardo Bueno imitando a famosa posição de Napoleão Bonaparte e dizendo: “Eu NÃO sou Napoleão! Eu sou Dom João!” E continua:

É, Dom João VI, passou para a história como um monarca glutão e preguiçoso. Mas sabemos que a história está sempre sendo reescrita. Agora mesmo, que vão se completar os 200 anos da chegada da família real portuguesa ao Brasil, Dom João já está passando por uma mudança de imagem: sai o monarca apalermado,

covarde, preguiçoso, comilão, entra o estrategista brilhante. Mas o que terá sido ele? Talvez as duas coisas.

Ao retirar a mão de dentro da camisa, gesto atribuído a Napoleão Bonaparte, Bueno retira uma coxa de galinha em referência a D. João VI. Ou seja, as palavras falam da desmistificação, do novo olhar dos historiadores sobre D. João VI, mas a imagem da coxinha de galinha ao final dessa primeira parte do quadro reforça o estereótipo de glutão de D. João VI.

Sabendo-se que a imagem é um elemento que se fixa mais facilmente que as palavras na nossa memória devido à sua força icônica, esta última cena do quadro parece demonstrar as verdadeiras intenções do quadro. Entreter e manter os conceitos históricos pré-estabelecidos. Não incentivando o conhecimento, nem o pensamento crítico dos telespectadores.

Para representar a chegada da Coroa Portuguesa no Rio de Janeiro, Pedro Bial foi às ruas, dando autógrafos, descrevendo a chegada da família real como “o primeiro surto de febre de celebridades”. Reforçando um problema comum até hoje: a tênue linha que separa a pessoa pública de uma celebridade. Pela forma como foi apresentada pelo programa, essa confusão de conceitos parece acompanhar a mídia até hoje.

Ainda nas ruas, os apresentadores fazem perguntas sobre como deveria ser um príncipe. As respostas dadas demonstram o estereótipo de um príncipe que mora no imaginário das pessoas. “O príncipe encantado para mim é um homem perfeito”, diz a primeira pessoa entrevistada pela dupla. “Tem um cavalo branco e realiza todos os desejos”, responde a segunda. “É um sonho. Queria ter um príncipe encantado na minha vida”, comenta a terceira entrevistada. E fica por isso mesmo. Bueno não responde à pergunta, não explica o que faz um príncipe ou como funciona a monarquia.

O episódio continua. Todos estavam na expectativa da chegada da família real. No grande dia, os cariocas se aglomeravam na baía para vê-los chegar. No entanto, a primeira impressão do povo (muito parecida com a versão apresentada por Carla Camuratti) em relação aos monarcas não foi tão boa assim. Conta Bial:

O estranhamento era inevitável. De um lado, o Rio de Janeiro - nas palavras de um viajante inglês da época, “a mais suja associação urbana vivendo sob a curva dos céus”. Do outro lado, uma rainha louca, seu filho e nora, à frente de alguns milhares de nobres mimados, parasitas de luxo. Em comum, só o mau cheiro.

O quadro termina com Eduardo Bueno vestido de D. João VI, passeando no Jardim Botânico, no Rio de Janeiro, e contando as mais conhecidas reformas feitas por D. João VI:

Apesar do choque inicial, no dia do desembarque, a convivência entre cariocas e portugueses acabou sendo boa para os dois lados. O Rio não só ganhou o seu Jardim Botânico, com suas célebres palmeiras imperiais, como também recebeu uma injeção de recursos na economia, com a abertura dos portos às nações amigas. Sem falar na primeira gráfica, na primeira biblioteca pública, na casa da moeda, no Banco do Brasil. Da noite para o dia, o Rio tinha virado uma cidade do mundo.

Como já foi dito na descrição do primeiro quadro, mais uma vez o programa peca pela exacerbação de características atípicas, ou de comportamentos que hoje pode causar certo estranhamento, mas que à época era considerado normal. Provavelmente esta citação de Bueno sobre as realizações de D. João VI no Rio de Janeiro não deve ter durado nem um minuto no vídeo. E apenas citam-se as benfeitorias, não se explica a importância de delas. Mais uma vez, o conhecimento do contexto social e político ficam submetidos ao caricatural. Mostrando, desta forma, que o objetivo principal do quadro é o entretenimento, a audiência, e não o conhecimento.

5.1.3 Episódio “A Pátria de pijamas”

O terceiro fato histórico retratado pelo quadro e escolhido para a análise foi o momento da proclamação da República. Intitulado “A Pátria de Pijamas”, o quadro foi ao ar no dia 14 de outubro de 2007. O episódio começa com um breve relato sobre a insatisfação dos militares, no período pós-guerra do Paraguai, em relação ao Imperador, e também dos fazendeiros, por perderem suas fortunas devido à abolição da escravatura.

Eis que aparece Eduardo Bueno vestido de Maria Joaquina, esposa de Benjamin Constant, clamando seu desejo de ir ao baile da Ilha Fiscal. Não tendo

sido convidada, “o marido deve ter ouvido muito: Benjamin, eu quero entrar nessa ilha!” interpretou Bueno. “E a gente sabe do que uma mulher contrariada é capaz”, completa.

O baile foi descrito desde a decoração até o cardápio. Conta-se que na crônica oficial não se menciona penetras, no entanto, no diário de Bernardina, filha de Maria Joaquina e Benjamin Constant, há o relato da tentativa de entrar na festa, da exigência do convite e da forma como eles conseguiram pagar para ver a ilha de um barco. Nota-se a velha “malandragem” brasileira representada no quadro.

No entanto, apesar da intenção de mostrar que eles entraram de penetra, não fica claro se a tentativa foi bem sucedida. Apenas menciona-se um trecho do diário que diz: “Então papai tratou um escaler a um real por pessoa e vimos perfeitamente a ilha, o baile e as pessoas”. Não significa necessariamente que eles entraram na festa.

Depois o quadro descreve Benjamin Constant, militar e professor, que andava desgostoso com relação ao Império. “Benjamin era, definitivamente, um militar ressentido. Além de mal pago, era sempre preterido na hora das promoções. Sua paixão maior era a matemática. Por isso, tornou-se um professor da Escola Militar da Praia Vermelha”. Acabou se tornando líder da mocidade militar que também achavam que o império maltratava o exército, e passou a atacar a monarquia. No entanto, “essa turma do Benjamim não se dava com os militares de baixa patente, os chamados “tarimbeiros”, acostumados com a vida dura dos quartéis”.

E é aqui que entra o Marechal Deodoro da Fonseca na história de Bueno. Benjamin e Deodoro eram amigos e compartilhavam do ressentimento pelo império. Entretanto, talvez esta fosse a única coisa que tivessem em comum. Há quem diga que Deodoro fosse monarquista e que havia escrito a um sobrinho, 63 dias antes de proclamar a República: “República no Brasil é coisa impossível porque será uma verdadeira desgraça. O único sustentáculo do Brasil é a monarquia; se mal com ela, pior sem ela”.

É neste momento do quadro que entram as teorias de Bueno: “se a gente for recriar como foi a proclamação da República mesmo, a primeira coisa a dizer é que naquele dia o Deodoro estava muito doente, muito doente. Portanto, a locação certa é a cama dele, e o figurino certo é um pijama”.

O quadro descreve o dia 15 de novembro como uma grande confusão. Representava que ninguém, dentre os militares, se entendia, cada um apontava um canhão para um lado diferente. Uma cavalaria foi às ruas, sem cavalos, a infantaria não protegia os canhões. Não era mais fácil dizer o quanto incompetente era o exército imperial?

Quem estava no comando era Benjamin Constant e, então resolveram chamar Deodoro para pôr ordem na situação. Descreve Eduardo Bueno:

Mas nessa manhã histórica, de farda com seus galões e medalhas, Deodoro não proclamou a República. Apenas, destituiu o Visconde de Ouro Preto. O fato é que Deodoro com as tropas ao seu lado, com a conjuntura e o momento político a seu favor, derrubou o primeiro ministro, mas o Imperador ficou de pé.

E continua:

Ele derrubou o ministro, voltou pra casa, botou o pijama e foi dormir [...] Só que, à tardinha, os conspiradores voltaram e não deixaram ele dormir. Trouxeram a notícia de que um inimigo mortal dele tinha assumido como primeiro-ministro [...]. Ele acordou, sem sair da cama e disse: ‘Digam ao povo que a República está feita’.

Assim foi a proclamação da República segundo Eduardo Bueno. Proclamada de pijamas.

Que tipo de sentimento e reflexão pode surgir a partir de uma história parodiada, que diz que a Independência do Brasil foi resultado de um chique do príncipe, cujo ápice foi uma diarreia, e que um marechal doente e de pijamas, declarou que o Brasil era uma República, sem nem mesmo sair da cama?

5.2 Por trás dos bastidores

Os meios de comunicação de massa possuem lugar privilegiado na sociedade e na construção da sua realidade social. Teorias como o *Newsmaking* e a hipótese da *Agenda-Setting* explicam como funciona esta poderosa indústria da informação.

O *Newsmaking* é a teoria que estuda a cultura dos profissionais da área da comunicação social e como as diversas culturas às quais estes profissionais estão submetidos influenciam na avaliação das informações enquanto valor/notícia.

Já a hipótese da *Agenda-Setting* sugere que é a mídia quem dita os assuntos que devem ser pensados e discutidos pela massa. Não se limitando ao objeto de discussão, mas também no “como se deve pensar”.

Por trás de todas as informações que recebemos, pelos diversos meios de comunicação, há uma complexa estrutura responsável pelo processo de industrialização das informações fornecidas a todo minuto.

Processo, este, que define o que é importante, o que deve ser noticiado, o que deve ser esquecido, o que deve favorecer as empresas que financiam os canais, enfim, uma infinidade de procedimentos que analisam o valor de uma determinada informação. Tudo, desde a escolha de um acontecimento em detrimento de outro, do tempo disponível para as imagens e palavras escolhidas, até o figurino e a trilha sonora ao fundo, são fatores previamente escolhidos para que a informação chegue ao público com a devida aprovação deste sistema de produção de informações.

Em seu livro sobre as Teorias das Comunicações de Massa, Mauro Wolf (2003) explica que as características e influências da Indústria Cultural, bem como o contexto econômico e sócio-cultural em que esta age, não podem ser ignoradas ao se analisar os meios de comunicação de massa. A estrutura multiestratificada das mensagens passadas ao público reflete uma estratégia de manipulação da Indústria Cultural.

Qualquer estudo dos meios de comunicação de massa que não esteja em condições de perceber tal estrutura multiestratificada e, sobretudo os efeitos das mensagens ocultadas põe-se numa perspectiva limitada e falaciosa (Wolf, 2003 p.82).

São vários os fatores que influenciam a publicação de um evento como notícia. Enquanto a relevância for um fator crucial na escolha do que deve ser publicado, se observa a execução de um bom jornalismo. No entanto, o fator entretenimento tem ganhado maior destaque que o fator relevância. Isso porque o interesse pela notícia está vinculado à imagem que o jornalista faz do público.

Entende-se que para informar o público é preciso prender-lhe a atenção, logo, não adianta executar um jornalismo profundo e preocupado em passar as informações que realmente importam para a sociedade, se o público não demonstra interesse por aquele determinado tema e acaba mudando de canal.

O trivial acaba sendo recorrer às notícias apelativas, extraordinárias, com um misto de atípico e curioso, deixando a importância dos acontecimentos em segundo plano. Tudo isso, em busca da audiência, do crescimento econômico dos investidores e da manutenção das massas.

5.2.1 A televisão

Em sua obra *Sobre a Televisão*, o sociólogo francês Pierre Bourdieu nos ajuda a compreender, com certo tom alarmista, a estrutura e o funcionamento dos programas e do jornalismo executado na televisão.

O princípio de seleção é a busca do sensacional, do espetacular. A televisão convida à dramatização, no duplo sentido: põe em cena, em imagens, um acontecimento e exagera-lhe a importância, a gravidade, e o caráter dramático, trágico. Em relação aos subúrbios, o que interessará são as rebeliões. (Bourdieu, 1997, p. 25)

Para ele a televisão é um excelente instrumento de manutenção da ordem simbólica. Uma parte dessa ação consiste em atrair a atenção para fatos que normalmente interessam a todos, os chamados fatos-ônibus.

Os fatos-ônibus são acontecimentos que, em suma, formam um consenso que desperta o interesse de todos, mas, sem informar nada muito relevante. Esses fatos não devem chocar, nem dividir o público em opiniões diferentes.

As notícias de variedades são bons exemplos de fatos-ônibus, por serem do interesse da maioria, sem trazer reflexões e conseqüências, como revoltas, discussões e oposições. O quadro *É muita história* parece que faz exatamente isso. Se contenta em entreter a população, sem deixar fluir reflexões que possam causar algum tipo de revolta ou oposição, contando uma história descontextualizada e limitada ao atípico e pitoresco dos fatos.

Segundo Bourdieu, a manipulação não acontece só pela maneira como algo é transmitido, mas também pelo que é omitido.

Ora, o tempo é algo extremamente raro na televisão. E se minutos tão preciosos são empregados para dizer coisas tão fúteis, é que essas coisas tão fúteis são de fato muito importantes na medida em que ocultam coisas preciosas. (Bourdieu, 1997, p.23)

Além disso, com a vida moderna reduzida ao privado e ao consumo, as pessoas passam a viver um conflito entre impulsos da vida moderna e a consciência que resulta na falta de autonomia, ou seja, não se pensa antes de aderir às idéias e aos valores oferecidos pela Indústria Cultural.

Aliado a este pensamento, existe o fato de que quanto menor o conhecimento do público sobre um determinado assunto, mais este dependerá da mídia para obter as informações, que conseqüentemente se apresenta com certas interpretações e valores pré-estabelecidos. De acordo com Mauro Wolf:

[...] a manipulação do público – buscada e conseguida pela indústria cultural, entendida como forma de domínio das sociedades altamente desenvolvidas - passa, portanto, no meio televisivo mediante efeitos que se realizam nos níveis latentes das mensagens. Estas fingem dizer uma coisa e, em vez dela, dizem outra; fingem ser frívolas e, no entanto, ao se colocarem além do conhecimento do público, reforçam seu estado de independência. O espectador, mediante o material que observa, é continuamente colocado na condição de assimilar ordens, prescrições e proscições sem saber. (2003, p.82)

Com o precário panorama educacional no Brasil e o difícil acesso a outras formas de informação pela maioria da população, já apresentado no terceiro capítulo, pode-se afirmar que a história, entre várias outras ciências, não é exatamente um assunto que determinadas camadas sociais da sociedade brasileira dominem.

Sendo assim, é fácil para a televisão abordar o conhecimento histórico “embasado nos livros” e representá-lo de uma forma divertida e acrítica. Se apossar desta ciência e transformá-la em produto de entretenimento vendável, esvaziando-a de seus significados.

5.2.2 Estereotipação

Uma, dentre as várias estratégias de manipulação utilizada pelos meios de comunicação, seja para vender alguma ideologia ou mesmo um produto qualquer, é a estereotipação. No livro *A Indústria Cultural e Sociedade*, o filósofo alemão Theodor Adorno explica que quanto mais os estereótipos se fortalecem numa sociedade, menor é a possibilidade das pessoas mudarem as idéias pré-estabelecidas.

Segundo o dicionário Houaiss, estereótipo significa “algo que se adequa a um padrão fixo ou geral”, [...] “esse próprio padrão, formado de idéias preconcebidas e alimentado pela falta de conhecimento real sobre o assunto em questão”, ou ainda “idéia ou convicção classificatória preconcebida sobre alguém ou algo, resultante de expectativa, hábitos de julgamento ou falsas generalizações” e por fim “aquilo que é falta de originalidade”, “banalidade, lugar-comum, modelo, padrão básico” (2001, p.1252).

O bombardeio de informações minuto a minuto, faz com que as pessoas se prendam aos clichês pelo simples fato destes trazerem certa ordem para a vida cotidiana, evitando aquilo que poderia se transformar em um caos. Uma ordem alienada, mas que trás certo “conforto” às massas.

No entanto, Adorno (1954) adverte que com isso as pessoas podem não apenas perder a verdadeira compreensão da realidade, mas também diminuir a capacidade de entender a experiência da vida pelo apego a estes clichês.

A divisão dos programas da televisão de acordo com seu formato e conteúdo faz com que sejam pré-estabelecidas expectativas e fórmulas para cada gênero. Se perguntarmos a qualquer pessoa, o que ela espera de um filme de suspense, há um senso comum para respondê-lo.

Muito importante é o fato de que a classificação dos espetáculos foi tão longe, que o espectador se aproxima de cada um deles com um modelo estabelecido de expectativas, antes de se encontrar diante do espetáculo em si. (Adorno, 1954, p.388)

Logo, se desde 1995 há uma fórmula de contar a História do Brasil que dá certo, que atrai a atenção do público, porque a emissora iria mudar sua programação? A emissora criou então a expectativa de algo novo, a ilusão de um quadro realmente interessado em divulgar a história do Brasil “desconstruindo mitos”, como diz Eduardo Bueno. Mas, será que é possível desconstruir mitos, utilizando-se de paródias?

5.2.3 Paródia

A representação histórica do quadro aqui analisado se dá no formato de uma paródia. De acordo com o dicionário Houaiss, paródia significa “obra literária, teatral, musical, etc. que imita outra obra, ou os procedimentos de uma corrente artística, escola, etc. com objetivo jocoso ou satírico, arremedo. Imitação bufa de um trecho poético”. (2001, p. 2137).

O objetivo da paródia é adaptar a obra original a um novo contexto, passando diferentes versões para um lado mais despojado, e aproveitando o sucesso da obra original para entreter. Pode ser uma releitura de caráter contestador, irônico, zombeteiro, crítico, satírico, humorístico e jocoso.

É certo que, com o pouco tempo disponível para o quadro *É muita história*, não se pode exigir que seja reproduzida toda a conjuntura social e política da época, em uma linguagem acessível às massas. Mas, também entende-se que é

inadequado que se gaste o precioso tempo da televisão com uma história diluída em uma representação parodiada, que acaba esvaziando a matéria dos significados históricos que fizeram do Brasil o país que este é hoje.

O quadro não incentiva as pessoas a buscarem o conhecimento histórico, nem a terem uma consciência crítica sobre a história, na programação da Rede Globo. Parece que o que se deseja alcançar com esse tipo de programação é a manutenção da ignorância das massas. Cada camada social deve permanecer no seu devido lugar.

Quando faz um quadro sobre saúde, o Dr. Dráuzio Varella não faz o uso de caricaturas e paródias para que a população compreenda o assunto. Tenta ensinar da forma mais pedagógica possível. Mas, no caso deste quadro sobre a História do Brasil, a população está tão anestesiada que parece não perceber a importância de conhecer sua própria história, de manter suas tradições culturais. Não questiona se os acontecimentos são aqueles de fato, nem o porquê de sempre se fazer um quadro sobre história por meio da comédia, apenas absorve o entretenimento que lhe é fornecido.

Afinal, relatar história não é como oferecer uma dica sobre saúde, ou sobre tecnologias que podem facilitar a vida na era pós-moderna onde tudo deve ser executado o mais rápido possível. No entanto, é por meio do conhecimento histórico e cultural que se compreende as raízes da cultura de uma sociedade. É conhecendo a História que se pode aprender com os erros do passado e trilhar novos caminhos na condução política, econômica e social de um país.

O domingo já é considerado o dia de descanso para a maioria da população e o programa Fantástico se transforma, cada vez mais, em um programa que opta por transmitir notícias de variedades e dramas da vida cotidiana. Seguindo essa linha de raciocínio, o que se poderia esperar da emissora, era mesmo um quadro como o *É muita história*.

Apesar do programa se apresentar como um desmistificador de mitos, seu conteúdo e sua linguagem cênica, mantêm os mitos e personagens caricaturais,

suprimindo a possível existência de qualquer possibilidade de pensamento crítico. As representações do quadro acerca do Brasil se apresentam sob um olhar elitista, limitando a história a fatos atípicos, dos quais o povo brasileiro não faz parte. Não há referências à cultura, nem à política. Não se fala nem mesmo sobre os índios que fazem parte da nossa cultura. É como se este programa contribuísse para que, assim como no passado, as transformações futuras continuem sendo realizadas de cima para baixo, da elite para as massas.

5.3 Representações sociais

De acordo com o psicólogo Celso Sá (1998), o conceito de representação social foi proposto por Moscovici na década de 60 e se refere a um conjunto de conceitos, proposições e explicações criados na vida cotidiana no decurso da comunicação interindividual.

A representação é compreendida como a construção de objetos e expressão de sujeitos, com influência sobre a sociedade, já que contribui para a construção de uma realidade comum a um grupo social. Segundo Sá, para Moscovici, o propósito das representações sociais seria tornar algo desconhecido, em algo familiar.

O fenômeno das representações sociais é algo próprio das sociedades contemporâneas, onde os acontecimentos acontecem de forma tão rápida que não há tempo suficiente para que as representações se transformem em tradição e aprendizado.

Celso Sá (1998) explica que para se realizar uma pesquisa embasada nas representações sociais, é preciso atentar ao saber gerado por meio da comunicação cotidiana, que orienta comportamentos em situações sociais concretas. Ele explica que outros pesquisadores como Denise Jodelet, vão um pouco mais longe. Acreditam que as representações sociais também intervêm na construção da identidade individual e social.

A construção de representações sociais envolve duas fases: uma simbólica, que engloba os elementos familiares, e uma fase de objetivação, que abrange o sentido figurado, ou seja, aquilo que é resultado da capacidade do pensamento e da linguagem em consolidar o abstrato. Segundo Sá, é neste ponto que a mídia age, pois, é através dos meios de comunicação que melhor se evidencia representações:

No que se refere à objetivação, em vez de buscar pesquisá-la junto a sujeitos específicos do grupo estudado, talvez seja mais viável tentar evidenciá-la nos meios de comunicação de massa. Além de constituírem importantes fontes de formação das representações no mundo contemporâneo, é neles – na televisão, em especial – que melhor se configura a tendência à concretização das idéias em imagens. (Sá.1998. p. 71)

Segundo ele, Denise Jodelet (1984) contribuiu muito no que diz respeito a reflexão sobre as formas pelas quais as representações são veiculadas no cotidiano e à forma como os sustentáculos da comunicação de massa envolvem discursos de pessoas e grupos que desejam manter (e mantém) tais representações, bem como seus comportamentos e práticas sociais. Em suma:

[...] são as interpretações que eles recebem nos meios de comunicação de massa, que dessa forma, retroalimentam as representações, contribuindo para sua manutenção ou sua transformação, ou ainda – para ser mais fiel ao pensamento de Jodelet – para a sua manutenção enquanto se transformam e para a sua transformação enquanto se mantêm. (Sá. 1998: 73 -74)

Em artigo publicado em 2004 na revista *Comunicação e Espaço Público*, a mestre em comunicação social pela UnB, Rosana Pavarino faz uma interessante interligação entre a hipótese da *Agenda-Setting* e a teoria das *Representações Sociais*.

Segundo a autora, as teorias possuem em comum o interesse na relação do indivíduo com a sociedade, com seu grupo e com a sua própria identidade, na forma de organização e construção de suas realidades, bem como no papel dos meios de comunicação de massa como intermediadores deste processo, tanto por meio da produção das informações, do agendamento dos assuntos que devem estar

em voga e que organizam a sociedade, como também pela receptividade destes conteúdos veiculados.

Apesar de se articularem bem por meio deste interesse comum, Rosana Pavarino (2004), explica que, além de uma estar no âmbito da comunicação social e a outra habitar a área da psicologia social, estas teorias se diferenciam na forma em que vêem os meios de comunicação de massa. A hipótese da *Agenda-Setting* os tem como principal objeto a análise dos efeitos destes meios, enquanto a teoria das representações os vê como agentes influenciadores e não como objeto principal de análise.

Os meios de comunicação de massa desempenham um importante papel na construção do elo entre o indivíduo e a sociedade. São fundamentais na organização da sociedade. No entanto, Rosana Pavarino (2004) adverte que a simples existência destes meios não indica o real alcance de sua influência. Ela ressalta a importância de serem feitas pesquisas que investiguem e avaliem a forma como a mensagem é transmitida por cada tipo de meio de comunicação e a forma como esta mensagem é recebida pela audiência, além de analisar como o acesso a tecnologias, ditado pelas diferenças culturais e econômicas presentes na sociedade brasileira, influencia na escolha de um meio específico como forma de se manter informado. Em suma, é preciso perceber o papel que cada meio de comunicação possui e a influência que exerce na sociedade.

Para Rosana Pavarino (2004), uma coisa é certa: é responsabilidade da *Agenda-Setting* a produção e manutenção das representações sociais de uma sociedade, da relação que se tem com as experiências cotidianas, com o convívio social entre indivíduos e com as conversas interpessoais.

Sendo assim, os profissionais da comunicação deveriam ter mais cuidado com as representações sociais que são veiculadas nos programas de TV. Além de serem fonte de grande poder na sociedade, visto que estes organizam e tentam manter a sociedade organizada por meio das informações que fornecem, os meios de comunicação podem também servir como instrumento de manutenção do status

quo e repressão do pensamento crítico, sem que a própria audiência perceba que isto acontece.

6 DISCUSSÃO E PROPOSTAS ALTERNATIVAS

Considerando tudo o que esta monografia se propôs a descrever, a reflexão sobre a forma que a História do Brasil tem sido interpretada e informada pela TV, deveria considerar outro questionamento: Admitindo que é preciso prender a atenção do telespectador, e que por trás de todos os programas e reportagens existem interesses adjacentes, políticos e econômicos, existiria outra forma de um meio de comunicação acessar as massas, contando a História do Brasil de uma forma mais crítica, propondo uma reflexão, diferentemente da forma como os quadros parodiados que foram apresentados no *É muita história?*

Hoje em dia há canais fornecidos pela TV por assinatura, à cabo, que se especializam em um único assunto. É o caso do *National Geographic Channel*, cujo tema mais abordado gira em torno da geografia, viagens, culturas em geral. Do canal *Animal Planet*, cujo tema é basicamente voltado à descrição da vida animal, e do canal *The History Channel*, cuja programação é voltada principalmente para a exibição de documentários de teor histórico.

O *The History Channel* possui documentários que passam diariamente, outros que são semanais e ainda há os documentários especiais, temporários e exclusivos, referentes a alguma data comemorativa, algum acontecimento importante do passado e biografias sobre personagens importantes na história mundial.

A programação do *The History Channel* enfoca principalmente pessoas e eventos que marcaram época. Mas, eventualmente, trás documentários sobre coisas inusitadas, assuntos desconhecidos. Os programas deste canal apresentam um estilo envolvente, marcado por um grande acervo de documentos, fotos, gravações, entrevistas e efeitos especiais. Instigam um novo olhar sobre a história, mais próxima, mais pessoal, fazendo conexões entre o passado e o presente. Este canal foi lançado na América Latina pela HBO em outubro de 2001. Atualmente, o canal está presente em mais de 70 países, sendo transmitido em 20 diferentes idiomas no mundo inteiro.

O Canal trata de histórias diversas, com teores políticos, econômicos, sociais e até mesmo, documentários que contam, por exemplo, como surgiu a panela de pressão, da onde surgiu e como se produz determinada tecnologia como é o caso do programa "Maravilhas Modernas", documentários sobre conflitos, guerras e assuntos militares (como é o caso do programa "Dias que Chocaram o Mundo"), séries sobre crimes e mistérios não resolvidos (como o programa "Crônicas Forenses"), documentário sobre história antiga (como é o caso do programa "Construindo um Império"), dentre muitos outros.

Apesar de apresentar excelentes documentários, o *The History Channel*, é um canal americano, que por mais que se disponha de imenso acervo que inclui diversas formas de informação e da vontade de ser estritamente fiel aos dados, também está submetido à visão daqueles que estão fazendo o programa, à cultura dos produtores, analisados pela teoria do *Newsmaking*, já descrita nesta monografia.

Nesta perspectiva seria interessante que os historiadores brasileiros e jornalistas se mobilizassem com o propósito de fazer documentários com um olhar brasileiro sobre os fatos da nossa história.

No Brasil, há alguns programas como o *Alô Escola* que aborda didaticamente matérias, como português, literatura, ciências e história. Este programa é apresentado pela TV Cultura de São Paulo, disponível como canal aberto neste Estado, e na TV por assinatura para aqueles que moram em outros lugares do Brasil.

Seguindo uma tendência mais pedagógica, o *Alô Escola* une o formato dos documentários do canal *The History Channel* e o formato do programa Telecurso 2000, criando uma nova concepção de programa didático que prioriza a consciência crítica, incentiva reflexão e a busca por novos conhecimentos.

O *Alô Escola* tenta aproximar a história dos telespectadores, esclarecendo de que forma tais fatos afetaram o mundo atual, porque o Brasil e o mundo contemporâneo vivem as atuais circunstâncias, econômicas, políticas e sociais. E de que forma isso afeta nossas vidas enquanto indivíduos e enquanto sociedade.

Esse programa interpreta a história da cultura hegemônica imposta pelo processo histórico de colonização, e a traz para o mundo pessoal do indivíduo, contribuindo assim, com a idéia de que todos nós fazemos história, participamos dela, e que sabendo da história dos nossos antepassados, podemos buscar as melhores decisões na condução de nossas vidas pessoais e coletivas.

Apresentado pelo jornalista Heródoto Barbeiro, o *Alô Escola*, possui uma equipe formada por jornalistas, antropólogos e historiadores. Fazem parte: o escritor, dramaturgo e jornalista, Antonio Bivar, o antropólogo Carlos Serrano, o jornalista Demétrio Magnoli e o historiador Jaime Pinski, a historiadora Maria Helena Senise, a cientista política Maria Victoria Benevides, o historiador Néelson Schapochnik, o geógrafo Néelson Bacic Olic, o historiador Nicolau Sevcenko e o jornalista Roberto Godoy, dentre outros.

Além do *Alô Escola*, a TV Cultura transmite também, às 5h45 da manhã, o *Telecurso 2000*, uma Parceria da TV Cultura com a Fundação Roberto Marinho.

O *Telecurso 2000* é um programa dirigido para estudantes do ensino fundamental e médio. São aulas ministradas pela televisão, a partir de um novo conceito de educação, que transforma o plano de aula em roteiro para televisão. Geralmente, as aulas buscam fatos cotidianos para explicar física, química, matemática, português, história, etc., aproximando as matérias do dia-a-dia dos alunos, tornando-as mais interessantes.

Diferentemente, o quadro *É muita história* visava principalmente o entretenimento e a audiência na guerra dominical entre os canais brasileiros de televisão, e não propunha nem um tipo de reflexão ou aproximação da história dos telespectadores.

Apesar da TV Cultura não estar disponível em todas as regiões do Brasil como canal aberto, a TV Brasil, uma emissora pública, retransmite programas educativos de outros canais, como TV Senado e TV Câmara, além da sua própria programação que conta com jornalismo cidadão, documentários, programas infantis educativos, etc.

A TV pública tem causado grande repercussão nos últimos meses, principalmente no que diz respeito a quem estaria no comando do canal e se a programação desta teria autonomia em relação ao Estado. Teoricamente, a TV pública deve ser do cidadão, da sociedade como um todo, e deve incentivar a formação de uma consciência crítica e a reflexão sobre a diversidade da sociedade brasileira, por meio de programas educativos e culturais e de um jornalismo cidadão, que inclui a participação do cidadão por meio de debates públicos, focalizando os interesses da população.

Enquanto houver autonomia da TV pública em relação ao Estado e compromisso com a cidadania, a TV pública só terá a contribuir para a consolidação de um país mais democrático.

Sabe-se que as emissoras privadas recebem uma concessão do Estado para poderem continuar exibindo suas programações. No entanto, o que se percebe é que essas emissoras não têm compromisso com a cidadania, mas com o mercado. E nós, enquanto cidadãos, não agimos em busca de uma mudança.

Em seu livro *O afeto autoritário: televisão, ética e democracia*, Renato Janine Ribeiro (2004) explica que o setor de políticas de comunicação tem se caracterizado pela omissão do poder público, principalmente quanto ao conteúdo da programação e quanto ao compromisso com valores democráticos por parte das emissoras. Para o autor isto é algo particularmente sério porque “a grande agência pelo qual a enorme maioria da população brasileira tem acesso à cultura, são as comunicações de massa” (2004, p. 140).

Não havendo uma política que valorize o poder público, que exerça o poder de regulamentar democraticamente o conteúdo veiculado nos grandes meios de comunicação de massa, o mercado passa a reinar soberano sobre a pauta das emissoras de TV no Brasil. O problema destes meios não é apenas a lógica pouco democrática de sua gestão, mas a falta de um espaço para que se possa discutir questões sociais.

Um exemplo dado por Janine Ribeiro é o fato de que, no que diz respeito ao dispositivo da constituição que ordena a desconcentração, pluralidade e regionalização das emissoras de televisão, o Governo é muito tolerante. “Quase toda a atividade televisiva do país, pelo menos no tocante às emissoras abertas, é gerada nacionalmente por poucos centros” (2004, p. 146).

Além disso, as retransmissoras locais delegam o tempo disponível a elas muito mais às propagandas do que à programas locais, geralmente limitados a jornais locais e, no máximo, algum programas de baixa qualidade, manipulados pelo dono da emissora, que em muitos casos é cacique político da região. Desta forma fica perceptível a omissão do poder público em exercer a pluralidade, desconcentração e regionalização, que por sinal, é parte da constituição. É Lei.

7 CONCLUSÃO

A conclusão que este estudo pôde chegar sobre o conteúdo histórico veiculado pela Rede Globo, por meio do quadro *É muita história*, é que em primeiro lugar, a proposta do programa nunca foi o de informar a população, incentivando uma consciência crítica, mas sim, o de entreter e atingir vários pontos na audiência. Acredita-se, entretanto, que deveria ficar claro aos telespectadores, que o formato apresentado no programa se trata de uma sátira, uma paródia sobre a História do Brasil. Não se deve enganar a audiência afirmando que existe um comprometimento em desmistificar mitos, como se este fosse um programa realmente interessado em divulgar conhecimento e propor algum tipo de reflexão sobre a História do Brasil.

Em segundo lugar, percebe-se um preconceito dos cidadãos em relação aos outros canais como a TV Brasil, que transmitem outros formatos de programas, devido a soberania da Rede Globo juntamente com o SBT e a Record e a falta de iniciativa destas na difusão de uma programação mais educativa, por medo de perder audiência. Estas emissoras já sabem que o que dá audiência são novelas, programas de fofoca, futebol, etc. No entanto, é preciso haver uma mobilização coletiva no intuito de incluir programas educativos e apresentá-los à população como algo bom.

É necessário que se divulguem os canais públicos como a TV Brasil, a TV Câmara e a TV SENADO e mostre às pessoas que os programas educativos e os canais que os promovem também podem ser interessantes. O fato de estes canais estarem, de certa forma, vinculados ao governo, dá a impressão de que apenas serão tratados assuntos políticos durante sua programação. Assunto, que pelo desconhecimento, não agrada às massas.

Além disso, o Governo deveria incentivar a produção de programas com conteúdos que contribuam para a difusão de conhecimento e construção de uma consciência crítica, nas emissoras já consolidadas como Rede Globo, SBT, Record, entre outros, exercendo a sua autoridade em favor do cidadão ao invés de permitir o

uso do espaço pelas grandes redes apenas em benefício de interesses particulares, muitas vezes discutíveis.

Não se trata de censura. Mas de fazer cumprir a Constituição, descentralizando os canais e regionalizando a programação, contribuindo assim para a difusão da pluralidade e da diversidade cultural brasileira. Fugir do que chamam eixo Rio - São Paulo e valorizar o que as outras regiões também têm a oferecer também.

8 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, T. W. **A Industria Cultural e Sociedade**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

DA MATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis - para uma sociologia do dilema brasileiro**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

DE FLEUR, Melvin & BALL-ROKEACH, Sandra. **Teorias da comunicação de massa**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 1993.

HOLANDA, Sergio Buarque de. **Raízes do Brasil**. São Paulo, Editora Schwarcz. 2006.

RIBEIRO, Renato Janine. **O afeto autoritário: televisão, ética e democracia**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2004.

SÁ, Celso. **A construção do objeto de pesquisa em representações sociais**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.

SODRÉ, Muniz. **O monopólio da fala, função e linguagem da televisão no Brasil**. Petrópolis, Editora Vozes, 1981.

REDE GLOBO. **É muita história**: Disponível em:
<<http://fantastico.globo.com/Jornalismo/Fantastico/0,,9546.00.html>>.

PAVARINO, Rosana: Disponível em:
<<http://reposcom.portcom.intercom.org.br/dspace/bitstream/1904/4341/1/NP1PAVARINO.pdf>>.

WOLF, Mauro. **Teorias das comunicações de massa**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

ANEXO A

Descrição dos episódios retirados do site da Rede Globo.

O primeiro episódio da série: “Dia de fúria”

O primeiro episódio da série "É muita história" é sobre a Independência, que comemoramos na última sexta-feira. O historiador Eduardo Bueno defende, com graça e simpatia, uma nova tese sobre o grito do Ipiranga.

Desde o Dia do Fico, em janeiro de 1822, a independência do Brasil era só uma questão de tempo. Ao decidir ficar no Brasil, desobedecendo ao pai, Dom João XVI, e afrontando as cortes de Lisboa, Dom Pedro deu um passo sem volta. Por que, então, Pedro esperou até setembro para dar seu grito? Por que no dia 7? E por que no meio do nada, às margens do riacho Ipiranga?

Pedro Bial, lendo um livro escolar: “Dom Pedro chegava a São Paulo quando recebeu correspondência de Lisboa. Nas cartas, ele era chamado de ‘rapazinho de carreira criminoso’. José Bonifácio, seu principal conselheiro, disse: ‘Senhor, os dados estão lançados e de Portugal não temos a esperar senão escravidão e horrores’.

Eduardo Bueno: Mas essa é a história oficial. Não significa que ela não esteja certa - as coisas foram mais ou menos assim. A cena é que não foi a mesma retratada no famoso quadro “O brado do Ipiranga”, de Pedro Américo. Gestos heróicos não têm arte final.

Pedro Bial, lendo o livro escolar: “Não hesitou o príncipe e aceitou abertamente a luta, levantando o brado de ‘Independência ou morte!’”.

Eduardo Bueno: Ele teve várias chances antes de declarar a independência. O grito do Ipiranga pode, sim, ter sido fruto de um dia ruim do príncipe, um dia de fúria. Naquele dia, Dom Pedro tinha mesmo muitos motivos para estar à beira de um ataque de nervos. Entre São Paulo e Rio de Janeiro o percurso era uma trilha, que era a Via Dutra, uma trilha indígena, que os índios percorriam desde a pré-história. Eram 607 quilômetros pela trilha de lama, de barro. Hoje são 405 quilômetros. Em São Paulo, estava havendo uma espécie de conspiração contra ele. Dom Pedro foi do Rio até São Paulo para restabelecer a ordem. Na altura de Jacareí, ele saltou para dentro do rio, jogou-se de cavalo dentro do rio, atravessou o rio a cavalo, mas estava frio e ele ficou molhado. Ele olhou para um cara que tinha mais ou menos o tamanho dele e disse: ‘Tira a calça e dá para mim’.

Pedro Bial: Tudo bem, viagem estressa mesmo. Mas só isso não sustenta a tese do dia de fúria. É verdade que, ao chegar a São Paulo, nosso príncipe não foi recebido por revoltosos, como temia, mas por coisa ainda mais ardente, pelas labaredas da paixão?

A atriz Ana Moraes declama: “Estava aqui perdida em meus pensamentos, saboreando as doces lembranças, quando vi vocês chegarem. Sejam bem-vindos a São Paulo! Meu nome? Domitila de Castro Canto e Melo. Com apenas 16 anos, fui dada em casamento. Era um homem muito ciumento e, certa vez, em um de seus ataques de ciúmes, agrediu-me com uma facada. Eu me separei, voltei para São Paulo, onde conheci meu príncipe. Iniciei um apaixonado romance com Dom Pedro I.”

Pedro Bial: Mas Dom Pedro se mordida de ciúmes, porque do Palácio São Cristóvão, ele via a casa dela e via as luzes acesas até altas horas da noite[...]

Eduardo Bueno, para Ana Moraes: Você acha que a paixão pode ter virado a cabeça de Dom Pedro e o levado a proclamar a independência? Houve um estresse de paixão?

Ana Moraes: Eu acredito que houve, sim, uma paixão, um movimento muito maior do que político para que ele fizesse o que ele fez. Houve uma magia de alma, de amor, muito pura.

Eduardo Bueno: Eles viveram o caso de adultério mais oficial da história do Brasil. Isso acabou afastando Dom Pedro da mulher, a D. Leopoldina, e do seu principal conselheiro, José Bonifácio.

Pedro Bial: Sua tese do dia de fúria ganha um pouco mais substância, porque oito dias antes do brado do Ipiranga, ele se apaixona. Mas ainda não estou convencido[...]

Eduardo Bueno: Mas nessa viagem ele conheceu também a rejeição, um dia antes da independência, dia 6 de setembro[...]

Pedro Bial: O historiador Tarquínio de Souza disse assim: “Atravessava o futuro imperador viela pouco freqüentada de Santos, quando se lhe deparou jovem mulata, de grande beleza. Em movimento rápido, de quem não queria perder a caça, segurou-a pelos ombros e estalou-lhe de surpresa um beijo no rosto. Não tardou o revide: respondeu a rapariga com uma bofetada na bochecha do desconhecido e escapuliu”. Aí o imperador tentou comprá-la e o proprietário disse que era uma mucama de estimação.

Eduardo Bueno: Fazia uma semana que ele tinha conhecido aquela que ia virar a maior paixão da vida dele, Domitila, a Marquesa de Santos. Rejeição, ainda mais com tapa na cara, pode ser bem estressante[...]

Pedro Bial: É verdade, está ganhando pontos essa tese do dia de fúria. Mais algum argumento?

Eduardo Bueno: A imprensa.

Pedro Bial: Havia liberdade de imprensa naquele momento?

Eduardo Bueno: Fazia um ano que tinha começado, em 1821. E os jornais vieram com tudo. Dom Pedro era atacado diretamente nos jornais, mas também respondia, usando pseudônimo.

Pedro Bial: Mais algum argumento?

Eduardo Bueno: Comida de beira de estrada[...]

Eduardo Bueno, lendo uma receita do século XIX: “Ponha-se em uma panela um pedaço de vaca muito gorda, uma galinha, um pato, uma perdiz, um pombo, um coelho, uma lebre e havendo, uma orelha de porco, um pedaço de lacão (presunto), chouriços, lingüiça e lombo de porco, com nabos, se os houver”.

Pedro Bial: E a qualidade da água em Santos?

Eduardo Bueno: Salobra, a situação sanitária da cidade era das piores. Durante muito tempo Santos foi um lugar perigoso por causa disso. E a quantidade de vinho? Sabemos que o príncipe bebia também.

Pedro Bial: Depois ele sobe em cima de uma mula para ir para São Paulo, serra acima[...]

Eduardo Bueno: Piriri, diarreia, aflitamento ou, como se dizia na época, fluxo de ventre. Chame como quiser – o fato é que foi um torrencial desarranjo intestinal que levou a comitiva de Dom Pedro a parar às margens do riacho Ipiranga. O que não estava nada plácido naquela tarde de 7 de setembro de 1822 era o estômago do príncipe.

Pedro Bial: Viagens longas e estafantes, calúnias dos jornais, paixões arrebatadoras, rejeição, indigestão[...] Eu admito que faz sentido. Mas supondo que sua tese de dia de fúria esteja correta, então o quadro “O brado do Ipiranga”, de Pedro Américo, é uma obra de ficção[...]

Eduardo Bueno: Quase isso, pelo menos, de acordo com as testemunhas oculares da história, com, por exemplo, o padre Belchior Pinheiro. Aliás, foi ele que leu as cartas da Dona Leopoldina e de José Bonifácio que vieram do Rio para o príncipe. O padre diz no livro dele: “Ele, o príncipe, vinha de quebrar o corpo à margem do riacho Ipiranga, agonizado por uma disenteria, que apanhara em Santos, com muitas dores. Depois de ouvir minha leitura, tremendo de raiva, arrancou o príncipe de minhas mãos os papéis e, amarrotando-os, pisoteou-os, deixou-os na relva. Depois, abotoando-se e recompondo a fardeta, virou-se para mim e disse: ‘Diga à minha guarda que eu acabo de fazer a independência completa do Brasil. Estamos separados de Portugal[...]’ Eram 16h do dia 7 de setembro de 1822 e o sol brilhou no céu da pátria naquele instante. O quadro de Pedro Américo foi feito 66 anos depois da cena que descreve. O próprio Pedro Américo não era nem nascido quando a independência foi proclamada e ele se baseou em outro quadro, “A Batalha de Friedland”. Ele inclusive escreveu um livro, explicando passo a passo como ele fabricou essa história.

Pedro Bial: Posso dizer que toda história é fabricada?

Eduardo Bueno: É e isso não é todo ruim. O problema é que não podemos ficar só com uma versão, a versão cristalizada, oficial da história.

Pedro Bial: Os melhores historiadores do mundo dizem: a história está sempre se fazendo e refazendo.

Eduardo Bueno: Então, vamos fazer história?

Pedro Bial: Vamos e entender que a história é feita de gente de carne e osso[...]

Eduardo Bueno: E de intestinos[...]

Episódio: “Uma fuga desabalada de um rei”

Dom João VI foi o único rei do continente europeu a sobreviver a um tsunami chamado Napoleão Bonaparte. Como ele conseguiu? Fugindo para o Brasil. Ou seja: o rei de Portugal de bobo não tinha nada. O próprio Napoleão disse: "Só duas pessoas me taparam: o rei da Inglaterra e Dom João VI.

Eduardo Bueno: Eu sou Napoleão!

Pedro Bial: As tropas francesas acabam de tomar Portugal[...]

Eduardo Bueno: Vitória! Vitória! Toda a Europa sob meu poder!

Pedro Bial: [...]Quase toda a Europa está sob o poder de Napoleão.

Eduardo Bueno: Tá bom, tá bom[...] quase toda a Europa.

Pedro Bial: Apenas a Inglaterra resiste[...]

Eduardo Bueno: Mas por pouco tempo! Pouco tempo! O último aliado da Inglaterra era Portugal E agora que o rei de Portugal se entregou[...]

Pedro Bial: Apesar de não ter oferecido resistência ao Exército napoleônico, o soberano de Portugal não se entregou[...]

Eduardo Bueno: Como assim não se entregou?

Pedro Bial: [...]Na véspera da chegada dos franceses a Lisboa, D. João e toda sua corte embarcaram para o Brasil.

Eduardo Bueno: Para o Brasil? E existe o Brasil?

27 de novembro de 1807 - embarque da família real portuguesa para o Brasil

Eduardo Bueno: Eu NÃO sou Napoleão! Eu sou Dom João! É, Dom João VI, que passou para a história como um monarca glutão e preguiçoso. Mas sabemos que a

história está sempre sendo reescrita. Agora mesmo, que vão se completar os 200 anos da chegada da família real portuguesa ao Brasil, Dom João já está passando por uma mudança de imagem: sai o monarca apalermado, covarde, preguiçoso, comilão, entra o estrategista brilhante. Mas o que terá sido ele? Talvez as duas coisas. E a transferência da família real para o Brasil, o que foi? Um golpe de mestre ou uma fuga atabalhoada?

Na queda do muro, na noite da unificação alemã, todos que tiveram a sorte de ter estado em Berlim, naquela época, sabiam, tinham certeza de que estavam vivendo um momento histórico. E era exatamente o que estava para acontecer no Brasil, no início de 1808. A chegada da frota real foi um acontecimento extraordinário. Nunca antes um monarca europeu tinha pisado em solo americano, muito menos para fazer da colônia a sede do império. Depois da chegada de Dom João, nada seria como antes. O Brasil e o Rio de Janeiro em particular estavam prestes a viver um momento histórico. A mera possibilidade da vinda da família real, mexia, excitava a imaginação dos brasileiros na colônia. Seria a primeira chance de ver, ao vivo e a cores, aquelas figuras míticas, que só apareciam nas moedas. Agora a coroa iria ganhar uma cara.

Aconteceu, então, no Rio de Janeiro, o primeiro surto de febre de celebridades em terras brasileiras. Hoje sabemos muito bem como os brasileiros gostam de dar uma espiadinha nas celebridades. Mas não se tratava de uma celebridade qualquer. Tratava-se da rainha de Portugal, do príncipe regente, em carne osso.

A expectativa estava no ar. Todo mundo estava se preparando para a chegada da família real. Para qualquer lado você olhasse, veria alguém varrendo uma rua, pintando uma fachada, polindo um altar barroco, expulsando um mendigo. Os moradores e comerciantes da Rua Direita e da Rua do Rosário receberam ordens para: “[...]ornarem a frente de suas casas com colchas e alcatifarem as ruas no caminho da catedral com areia bem clarinha, flores, gravetos de canela, folhas de pintangueira e de mangueira.”

Tudo para disfarçar o mal-cheiro. Para a ocasião foi construído um arco do triunfo, todo iluminado com lanternas, com uma alegoria de Dom João nas nuvens, sendo trazido de Portugal pelas mãos dos anjos e querubins.

No dia 7 de março de 1808, a população do Rio de Janeiro parou pra assistir à entrada da frota real na Baía da Guanabara. Os cariocas se aglomeravam nas encostas e nas praias.

“O príncipe encantado para mim é um homem perfeito”, diz uma carioca.

“Tem um cavalo branco e realiza todos os desejos”, acredita outra.

“É um sonho. Queria ter um príncipe encantado na minha vida”, comenta uma terceira.

Mas depois de tanta expectativa, a primeira impressão que a corte provocou não foi tão boa assim. O estranhamento era inevitável. De um lado, o Rio de Janeiro - nas palavras de um viajante inglês da época, “a mais suja associação urbana vivendo

sob a curva dos céus”. Do outro lado, uma rainha louca, seu filho e nora, à frente de alguns milhares de nobres mimados, parasitas de luxo. Em comum, só o mau cheiro.

Foi exatamente no Largo do Paço Imperial que os brasileiros, às 11h daquele dia 8 de março, viram pela primeira vez seu soberano.

As descrições sobre Dom João: “Fealdade (feiúra) que se reputa das maiores ocorridas em pessoas de casa real de qualquer país da Europa”.

E sobre Carlota Joaquina, mulher de Dom João: “O mais medonho espécime de feiúra, peito todo torto, pele de legume, aparência de suja”.

Eduardo Bueno: Chegou a cerimônia do beija-mão! Vocês vão fazer fila para beijar minha mão! Dom João tinha uma série de micoses. Ele se coçava e depois chegava a hora de beijar a mão[...]

Eduardo Bueno: Dom João passou para a história vitimado pela sua cara caricatural. Dizem que a face dele era um volteio com vulço de rugas, de bochechas caídas, parecia um buldogue. Ele passou para a história como um bobalhão, mas na verdade ele ajudou muito esse Rio de Janeiro e o Brasil também.

“Quando eles chegaram aqui, foi muito bom: houve a primeira reforma urbanística da cidade, em 1808”, sabe uma estudante.

Apesar do choque inicial, no dia do desembarque, a convivência entre cariocas e portugueses acabou sendo boa para os dois lados. O Rio não só ganhou o seu Jardim Botânico, com suas célebres palmeiras imperiais, como também recebeu uma injeção de recursos na economia, com a abertura dos portos às nações amigas. Sem falar na primeira gráfica, na primeira biblioteca pública, na casa da moeda, no Banco do Brasil. Da noite para o dia, o Rio tinha virado uma cidade do mundo.

Para Dom João, essa convivência também acabou fazendo bem. Afinal, ao retornar para sua velha e querida Lisboa, em 1821, ele era o único monarca de sua geração que mantinha a cabeça no lugar e com uma coroa em cima dela. Ri melhor quem ri por último.

Episódio: “República de pijamas”

Em 15 de novembro de 1889, o marechal Deodoro da Fonseca estava muito doente, mal teve forças para proclamar a República! Depois da Guerra do Paraguai, os militares estavam se sentindo injustiçados pelo Imperador. Além deles, os grandes fazendeiros, que tinham perdido fortunas com a abolição da escravatura um ano antes, também não perdoavam o Imperador.

Ilha Fiscal, Baía de Guanabara, Rio de Janeiro. 9 de novembro de 1889. Era o baile do século.

E até parece que Maria Joaquina já sabia que essa festa de arromba ia entrar para a história. Todo mundo importante estaria lá. Eram três mil convidados. Todo mundo, menos ela. Naquela noite o marido deve ter ouvido muito: “Benjamin, eu quero entrar nessa ilha!”

Acontece que, para o baile da Ilha Fiscal e para os eventos dos dias seguintes, o povão não foi convidado.

Povão coisa nenhuma! Maria Joaquina Botelho de Magalhães, esposa do tenente-coronel Benjamin Constant. Mas, mesmo assim, Maria Joaquina não foi convidada para o baile da Ilha Fiscal. E a gente sabe do que uma mulher contrariada é capaz.

Não sei o que a Maria Joaquina teve a ver com isso. Provavelmente, nada. Mas o fato é que, uma semana depois, caía a Monarquia.

“A pátria de pijama”

Naquela noite de clima ameno, 118 anos atrás, a pequenina Ilha Fiscal estava toda iluminada com balões venezianos e lanternas chinesas. Uma orquestra tocava sem parar polcas e valsas.

Se você fosse um dos convidados poderia degustar, por exemplo, “Jacutingá et pigeon sauvage a la Guanabara”. Traduzindo: Jacutinga (uma ave silvestre brasileira) e pombo selvagem à moda da Guanabara. Tudo isso está minuciosamente documentado na crônica oficial, mas não há nenhuma menção a penetras.

Ah, não? Então, vai lá procurar no diário da Bernardina, filha da Maria Joaquina e do Benjamin Constant. Está lá no Museu Casa de Benjamin Constant. A história também se escreve em inocentes diários de adolescentes, como o de Bernardina. No diário original, Bernadina narra como o pai levou a família para assistir o baile da Ilha Fiscal.

“Papai lá indagou se não se podia ir na barca dos convidados, para voltar na mesma, porém disseram: ‘Só com o cartão’. Então papai tratou um escaler a um real por pessoa e vimos perfeitamente a ilha, o baile e as pessoas”, escreveu Bernadina.

Não era só Maria Joaquina que dificultava a vida de Benjamin Constant. Militar, ele evitava andar fardado e detestava a vida de caserna. Em uma carta que mandou para a mulher, quando estava na Guerra do Paraguai, desabafou:

“Espero que toda essa porcaria acabe o mais depressa possível. Não posso, e não devo ser militar com a numerosa família que tenho, e pelos nenhuns recursos que dá essa desgraçada classe em nosso país”.

Benjamin era, definitivamente, um militar ressentido. Além de mal pago, era sempre preterido na hora das promoções. Sua paixão maior a era a matemática. Por isso, tornou-se um professor da Escola Militar da Praia Vermelha.

Mas na Escola Militar, estudava uma turma do barulho. Eram jovens tenentes e intelectuais, conhecidos como “os científicos”. O marido de Maria Joaquina devia ser um excelente professor. Tanto que acabou virando líder da mocidade militar. Esses jovens achavam que o Império maltratava o Exército. Logo, somaram dois mais dois e passaram a atacar a monarquia.

O problema é que essa turma do Benjamim não se dava com os militares de baixa patente, os chamados “tarimbeiros”, acostumados com a vida dura dos quartéis.

Deodoro da Fonseca, proclamador da República do Brasil, era um tarimbeiro. Veio dos mais e baixos postos do Exército brasileiro e foi sendo promovido por bravura em combate e também por merecimento, até chegar ao mais alto posto: marechal do Exército brasileiro.

A ponte entre científicos e tarimbeiros para se construir a proclamação da República tinha que ser feita por alguém que tivesse tarimba, e esse alguém era o Deodoro. O Benjamim Constant era amigo do Deodoro da Fonseca. Juntos, eles tinham fundado o Clube Militar e compartilhavam do mesmo ressentimento de classe e achavam o trabalho do Exército não era reconhecido pelo Imperador.

Mas, talvez, esse ressentimento de classe fosse a única coisa que Benjamin e Deodoro tinham em comum. Há quem diga até que Deodoro era monarquista. Em uma carta escrita para um sobrinho pouco antes de proclamar a República, disse:

“República no Brasil é coisa impossível porque será uma verdadeira desgraça. O único sustentáculo do Brasil é a monarquia; se mal com ela, pior sem ela”.

Ele escreveu isso 13 de setembro de 1889 e 63 dias depois, o Marechal iria protagonizar essa a cena da proclamação da República. Mas se a gente for recriar como foi a proclamação da República mesmo, a primeira coisa a dizer é que naquele dia o Deodoro estava muito doente, muito doente. Portanto, a locação certa é a cama dele, e o figurino certo é um pijama.

Está na placa: “Desta casa, residência do Marechal Manoel Deodoro da Fonseca, saiu este general para proclamar a República dos Estados Unidos do Brasil.”

Saiu de lá e foi para o Campo de Santana – que, aliás, ficava exatamente na frente da casa dele. Recapitulando: o sol mal tinha nascido naquele 15 de novembro de 1889. O Campo de Santana estava tomado pelas tropas rebeldes. Eram 600 homens republicanos.

Foi uma confusão total, ninguém se entendia. Por exemplo, a cavalaria veio sem cavalos. A infantaria não protegia os canhões. Os canhões apontavam um para cada lado. E quem estava chefiando tudo era o Benjamin Constant. Mas ele não era um homem de comando, de campo. Era muito mais um científico. Faltava um tarimbeiro, um homem de ascendência sobre a tropa.

Por isso, foram chamar o Deodoro na casa dele. Ele apareceu. Comandou a tropa e a levou para o quartel-general do Exército. Lá estava o primeiro-ministro Visconde de Ouro Preto e todo o seu ministério.

Mas nessa manhã histórica, de farda com seus galões e medalhas, Deodoro não proclamou a República. Apenas, destituiu o Visconde de Ouro Preto. O fato é que Deodoro com as tropas ao seu lado, com a conjuntura e o momento político a seu favor, derrubou o primeiro ministro, mas o Imperador ficou de pé.

Ele se encontrava com dores do peito, dificuldades respiratórias, apinéias. Ele derrubou o ministro, voltou pra casa, botou o pijama e foi dormir.

Só que, à tardinha, os conspiradores voltaram e não deixaram ele dormir. Trouxeram a notícia de que um inimigo mortal dele tinha assumido como primeiro-ministro. O acordaram com esse boato.

Ele acordou, sem sair da cama e disse: “Digam ao povo que a República está feita”. Assim foi a proclamação da República.

Nos dias seguintes, Maria Joaquina e as filhas costuraram a primeira bandeira da República do Brasil. De quebra, Maria Joaquina fez um novo vestido para o primeiro republicano. E, dessa vez, ela era a convidada de honra.